

Dívida e investimento externos caem

20 MAI 2006

CORREIO BRAZILIENSE

EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O endividamento externo brasileiro voltou ao patamar do final de 1995, fechando abril em US\$ 161,862 bilhões (valor estimado). Essa redução deixa o país menos vulnerável às turbulências externas e cada vez mais próximo do tão aguardado grau de *investment grade* — uma classificação de risco dada aos países considerados portos seguros para os investidores. O pagamento antecipado de US\$ 6,64 bilhões em títulos da dívida externa referente às renegociações de calote — *bradies* — foi o grande responsável pela queda do endividamento.

Apesar dessa melhora, números divulgados ontem pelo Banco Central mostram que a entrada de investimento estrangeiro no país, assim como o superávit em conta corrente — que inclui balança comercial, despesas com juros e pagamento de serviços e transferência de renda —, ficou abaixo das expectativas. De março

para abril, o ingresso de investimentos estrangeiros despençou de US\$ 1,629 bilhão para US\$ 790 milhões. Em 12 meses, esse número atingiu US\$ 13,334 bilhões ou 1,60% do PIB — o menor percentual desde março de 1997 (1,55% do PIB).

Para maio, a projeção é de que o país se recupere e registre a entrada de US\$ 1,4 bilhão. “Abril ficou abaixo da previsão de US\$ 1 bilhão devido a retorno de investimentos vinculados ao setor elétrico”, afirmou Altamir Lopes, o chefe de Departamento Econômico do BC, referindo-se à compra da Light (que era controlada pela estatal francesa EDF) pelo consórcio Rio Minas Energia (RME), do qual faz parte a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig).

Além da diminuição da entrada de investimentos estrangeiros, o país registrou uma elevada saída de dólares por conta da remessa de lucros e dividendos ao exterior. Em abril, US\$ 1,609 bilhão. No acumulado de janeiro a abril, esse montante chega a US\$ 5,217 bi-

“Dívida externa”

A REMESSA DE LUCROS E DIVIDENDOS É IMPULSIONADA PELA RENTABILIDADE E PELA APRECIACÃO CAMBIAL

Altamir Lopes,
chefe do departamento econômico do Banco Central

lhões. Lopes informou que, até o último dia 16, as empresas tinham remetido US\$ 1,149 bilhão. “A remessa de lucros e dividendos é impulsionada pela rentabilidade e pela apreciação cambial”, afirmou o chefe de Departamento do BC.

Conta corrente

Essa gradual saída de recursos do país influenciou negativamente o saldo da conta corrente. O superávit em transações correntes passou de US\$ 1,353 bilhão em março para US\$ 241 milhões em abril. No mesmo

período do ano passado o saldo positivo dessa conta era de US\$ 715 milhões. Para o mês de maio, Altamir Lopes espera um superávit de US\$ 600 milhões. Lopes explicou que o resultado do mês passado reflete também a concentração de pagamento de juros, que totalizou US\$ 1,062 bilhão em abril. Até o dia 16 deste mês, foram pagos US\$ 730 milhões.

Mesmo com as oscilações no mercado internacional, ocasionada pela perspectiva de novo aumento de juros dos Estados Unidos por conta do temor da

inflação, Lopes explicou que a entrada de recursos no país não deverá ser afetada. Isso porque, o balanço de pagamentos brasileiro está sendo financiado pelas exportações e os investidores estrangeiros ainda demonstram interesse em vir para o Brasil. “O impacto é menor porque o balanço de pagamento brasileiro é basicamente financiado por balança comercial”, disse o chefe do Depec.

Viagens internacionais

A valorização do real frente ao dólar não impediu que os brasileiros deixassem de viajar ao exterior. Em abril, segundo números do BC, os estrangeiros deixaram no país US\$ 344 milhões, enquanto os brasileiros gastaram US\$ 432 milhões. Isso fez com que a conta de viagens internacionais fechasse o mês negativa em US\$ 88 milhões. Até a primeira quinzena do mês, o déficit das viagens internacionais foi de US\$ 83 milhões. No acumulado de janeiro a abril, o saldo negativo totalizou US\$ 119 milhões.